

Análise de perspectivas sobre pensamento e linguagem *A perspective analysis about thought and language*

Thamires NASCIMENTO¹
Maria Angela Villachan LYRA²

Resumo: O presente artigo tem como objetivo conhecer, analisar e, mais precisamente, trazer a discussão sobre as teorias a respeito da aquisição do pensamento, assim como da linguagem, partindo das literaturas que constata essas ideias e a partir das perspectivas de alguns teóricos que se debruçam a respeito dessa temática, tais como: Piaget, Skinner, Whorf, Bernstein e Vygotsky. Por ser um tema amplo, apresenta várias concepções distintas que podem se diferenciar a partir da posição teórica.

Palavras-chave: Pensamento. Linguagem. Psicolinguística.

Abstract: This article aims to understand, analyze and more precisely, bring to discussion theories regarding the acquisition of thought and language as well, based on theoretical concepts developed by theorist such as Piaget, Skinner, Whorf, Vygotsky and Bernstein whose works contain studies on this subject matter. Due to the fact it is a broad topic several distinct concepts have been built which may differ from each other concerning a theoretical position.

Keywords: Thought. Language. Psycholinguistics.

Introdução

Desde os primórdios da história da humanidade já era possível observar fatores desencadeadores da linguagem e do pensamento. O surgimento da linguagem permitiu ao homem compartilhar com seus semelhantes conhecimentos, experiências e sentimentos (CAMPOS, 2005).

A história é interessante porque reflete o ponto de vista de que a língua é inata à espécie humana (DEESE, 1976), sendo também criadora de toda cultura, desde as coisas mais simples às mais complexas (OLIVEIRA, 2004).

Hoje, na sociedade atual, o pensamento e a linguagem são fatores de suma importância, passando a ser indispensáveis em alguns casos. Em todo o tempo, o ser humano está em contato, direta ou indiretamente, com a linguagem, que pode estar no discurso, na escrita, nas expressões corporais, entre outros.

Trata-se de um tema vasto, que instiga o estudo e escrita, porém este artigo se restringirá apenas na aquisição do pensamento e da linguagem sob a perspectiva de alguns teóricos que se dispõem a essa temática. Entre eles: Piaget, Skinner, Whorf, Bernstein e Vygotsky.

A linguagem para alguns destes teóricos surge antes do pensamento, já outros afirmam que o pensamento é o status *nascendi* da linguagem. A

¹ Aluna do curso de Psicologia da FAFIRE.

² Professora e orientadora; Departamento de Psicologia da FAFIRE. Mestra em Psicologia Social e da Personalidade.

princípio, estas questões estarão em aberto momentaneamente, sendo devidamente exploradas no decorrer do texto. Nesta instância introdutória, pretende-se destacar a importância da linguagem como função interpessoal, de permitir a comunicação e interação social, assim como a vital função intrapessoal de facilitar o pensamento, a formação e o reconhecimento de conceitos, a deliberada resolução de problemas (HOCKEENBURY, 2003) e, ainda, a atuação refletida e a aprendizagem consciente (RODRIGUES, 2004).

A seguir, pretende-se conhecer e analisar as concepções teóricas que versam sobre esta temática.

Teorias sobre pensamento e linguagem

O cérebro é organizado em um certo número de áreas distintas. De modo geral, o hemisfério esquerdo parece estar mais associado ao procedimento linguístico e analítico, enquanto o direito é mais vinculado ao processamento perceptivo (ANDERSON, 2000). Para não perder o foco da temática, não serão, neste texto, expandidas essas questões, entretanto, é de suma importância tê-las para uma maior compreensão do tema proposto.

Piaget, conhecido por seu trabalho pioneiro no campo da inteligência infantil, expande detalhes sobre o assunto, apresenta um estudo teórico e empírico sobre o desenvolvimento cognitivo humano, e traz que o pensamento é fundamental para a formação cognitiva da criança, levando em consideração o estágio em que a criança se encontra. Segundo Brym, “o psicólogo suíço Jean Piaget defendeu a ideia de que o desenvolvimento da capacidade de pensar (o desenvolvimento cognitivo) durante a infância se realiza em quatro estágios” (2009, p. 12).

Na gênese de seus experimentos, Piaget utilizava a linguagem apenas como um modo da criança expressar o que pensava diante dos questionamentos flexíveis feitos por ele em seus estudos acerca do desenvolvimento cognitivo. E ainda, com a proposta piagetiana, a linguagem apresenta apenas uma função simbólica (medição entre sujeito e objeto de conhecimento), ou seja, seria apenas um meio facilitador de expressão do pensamento. Vale ainda ressaltar que, para Piaget, que inicia seus estudos experimentais sobre a mente humana e começou a pesquisar também sobre o desenvolvimento das habilidades cognitivas, o pensamento antecede a linguagem, sendo esta última facilitadora do pensamento nos estágios operatórios formais, assim como também o ambiente apresenta grande influência no desenvolvimento da linguagem.

Whorf, com características culturalistas, interessava-se em como os rótulos linguísticos podem influenciar as interações cognitivas das pessoas,

ideia esta a qual Piaget se opõe: a relatividade linguística de Whorf. GREENE sugere que,

Em primeiro lugar, como Piaget está interessado nos estádios universais do desenvolvimento que ocorrem no pensamento de todas as crianças, não manifesta interesse algum em quaisquer diferenças que possam resultar de as crianças falarem esta ou aquela língua. Além disso, Piaget opõe-se à ideia de que a linguagem, de um modo geral, seja responsável pelo pensamento. (p. 92)

Para Whorf, há relevância apenas na cultura para a aquisição da linguagem. Em outras palavras, a cultura determina a linguagem, que por sua vez determina o pensamento, obtendo-se então a ação. Ressalta-se que esta teoria preocupa-se com a primeira função de como a linguagem afeta o pensamento, adotando a linha extrema de que o pensamento depende da linguagem e é, portanto, por ela determinado (GREENE, 1975). Ainda vale salientar que as diferenciações gramaticais são fatores também relevantes na aquisição da linguagem. Piaget concorda em parte com Whorf, no ponto que o meio no qual a criança está inserida pode influenciar na aquisição da linguagem.

Skinner, diante desta discussão a respeito do pensamento e linguagem, traz uma concepção com bases behavioristas, a mesma descrição do condicionamento operante. Para Skinner, há uma ação que provoca uma consequência, e esta ação sendo também um estímulo (fator motivador para a repetição da consequência) que vem sempre depois da resposta (ação). Ou seja, estímulo-resposta-reforço. Por exemplo, quando uma criança emite um som qualquer e que seja semelhante a uma palavra e/ou frase, é reforçada positivamente e este som será modelado até formar uma palavra. Ainda segundo Grenne (1987, p. 107), “a ideia é que os primeiros sons que uma criança por acaso emita podem ser modelados pelo reforço, até alcançarem toda sua pujança na completa gama de sons verbal exibida por um adulto”.

Ainda Skinner dá alguns exemplos de como as respostas verbais podem vir a ser condicionadas. A resposta é chamada de “mand” quando se refere a situações onde o estímulo é uma necessidade. Por exemplo, a necessidade de algum objeto que esteja fora do alcance e alguém satisfaz essa necessidade, o agradecimento torna-se uma forma de reforço para outras situações semelhantes. O “tact” ocorre quando o estímulo é um objeto, um acontecimento, ou uma situação. As respostas acóicas, por sua vez, são situações em que a criança ouve e repete a fala do adulto. Por fim, as respostas intraverbais, que ocorrem nas ocasiões em que uma pessoa fala e outra

responde. Há uma grande diferença entre Piaget e Skinner, pois para o primeiro a linguagem é o reflexo do pensamento, sua exteriorização, enquanto que para Skinner ocorre o oposto, ou seja, o pensamento é o reflexo da linguagem.

Bernstein, por sua vez, vai além de Whorf, que apresentou a cultura como determinante para a linguagem. Bernstein mostra que não só a cultura é fundamental para este desenvolvimento, mas, enfatiza que as primeiras relações sociais no início da vida determinam a linguagem, em outras palavras, a família em que o indivíduo esteja inserido. As relações entre a mãe e a criança podem determinar o tipo de linguagem que será desenvolvida pela criança. Bernstein enfatiza que não se pode relacionar língua, cultura e pensamento sem haver relações sociais e é este movimento circular que Bernstein apresenta que mais uma vez se contrapõe à linearidade de Whorf. A família é esta gênese do contato social ao qual Bernstein se refere, o primeiro contato social da criança, ou seja, a socialização primária. Gomes afirma que:

Consideramos, agora, a tarefa socializadora da família: o que faz a família? Já sabemos que ela é a primeira inserção da criança no mundo social objetivo, à medida que promove a aprendizagem, hábitos, usos, costumes, papéis, valores, normas, padrões de comportamento e de atitudes, etc. Mas além de tudo, também promove a formação das estruturas básicas da personalidade e da identidade (1992, p. 96).

Bernstein ainda se aprofunda no estudo relacionado às famílias. Divide os códigos linguísticos em “código restrito” e “código elaborado”, que se diferenciam, sobretudo, a partir da determinação da estrutura social do tipo de família.

A família centrada na pessoa apresenta uma interação maior com a criança no desenvolvimento da linguagem, ou seja, maior indução (estimulação) da fala, e com isso facilita o desenvolvimento do código elaborado. Entretanto, há famílias que se caracterizam por serem centradas na posição (no poder), ou não, cuja relação de poder entre pais e filhos gera menos estímulo na questão da linguagem. A grande diferença destas famílias está, sem dúvida, nas questões gramaticais. De acordo com Soares,

Em seus primeiros trabalhos, Bernstein caracteriza os dois códigos a partir de aspectos léxicos e morfosintáticos: o código elaborado se caracteriza por uma estrutura gramatical complexa e precisa, pelo uso frequente de orações subordinativas adverbiais, de preposições, de verbos na voz passiva, e adjetivos e advérbio; ao contrário, o código restrito se caracteriza por estruturas gramaticalmente simples, muitas vezes incompletas, uso frequente de ordens e perguntas, de afirmações categóricas,

repetição e pronomes pessoais, de conjunção, uso limitado e rígido de adjetivos e advérbios, pouca frequência de orações subordinadas adverbiais e de verbo na voz passiva, frequentemente substituição da expressão verbal por recurso não-verbal (2001, p. 25).

De um modo geral e sucinto, a família centrada na pessoa proporciona uma maior expressão linguística. A família centrada na posição “resume” a linguagem, causando um possível desfalque nessa linguagem no momento em que a criança tem um contato social mais abrangente, tal como a escola.

Ainda nessa discussão, Vygotsky apresenta que a linguagem e o pensamento surgem de modos distintos e paralelos. A esse respeito, Rego (2003, p.63) afirma que “[...] a relação entre o pensamento e a fala passa por várias mudanças ao longo da vida do indivíduo. Apesar de terem origens diferentes de se desenvolverem.”

Vygotsky aponta para um cérebro plástico, que, de acordo com Oliveira, citada por Rego,

Sistema aberto, de grande plasticidade, cuja estrutura e modos de funcionamento são moldados ao longo da história da espécie e do desenvolvimento individual. [...] o cérebro pode servir a novas funções, criadas na história do homem, sem que sejam necessárias transformações no órgão físico (2003, p. 42).

Ainda de acordo com a sua concepção, Vygotsky traz que a criança se desenvolve através do contato social, a partir da internalização das influências do meio determinadas pela cultura, assim como pelos aspectos históricos.

Vygotsky realça a importância de um mediador social. A esse respeito, Lopes contribui afirmando:

[...] a linguagem é duplamente importante para Vygotsky. Além de ser o principal instrumento de intermediação do conhecimento entre os seres humanos, ela está em relação direta com o próprio desenvolvimento – psicológico (1996, p. 34).

Por isso, se faz de suma importância conhecer mais esses mediadores, os instrumentos e os signos, que mesmo diferenciados estão inteiramente interligados no desenvolvimento do indivíduo. Vygotsky apresenta a linguagem como um sistema simbólico baseado nas questões histórico-culturais e que ainda tem implicações na formação psicológica. Segundo Rego,

Vygotsky dedica particular atenção à questão da linguagem, entendida como um sistema simbólico fundamental em todos os grupos humanos, elaborado no curso da história

social, que organiza os signos em estruturas complexas e desempenham um papel imprescindível na formação das características psicológicas humanas (2003, p. 53).

Aproximadamente aos dois anos de idade, quando os eixos do pensamento pré-linguístico e da linguagem pré-intelectual se unem, há uma nova estrutura de comportamento, onde o pensamento torna-se verbal e a fala racional. É nesta fase, que vai dos 2 até aproximadamente os 7 anos que, segundo Vygotsky, a criança aprende a internalizar a fala egocêntrica na organização de seus pensamentos, a qual pode voltar a ser uma fala externalizada mesmo na adultez, quando diante de uma situação difícil, por exemplo. Neste ponto Piaget se opõe, pois, para ele, a fala egocêntrica se dissolve, sobretudo, diante do discurso e da interação social. Greene afirma: “Vygotsky argumenta que a internalização da fala egocêntrica é uma descrição mais exata do que acontece com a noção original de Piaget, para quem a fala egocêntrica meramente se dissolve na fala socializada” (1987, p. 94).

Vygotsky apresenta ainda o plano genético, o qual pode ser subdividido em: filogênese, que se dá pela história das espécies dos animais, e aponta que a flexibilidade cerebral é uma característica dos seres humanos; ontogênese, que apresenta a história do ser, a naturalidade em que o ser humano nasce, cresce e morre, em outras palavras, a história de vida de cada um – vale salientar que a ontogênese está inclusa na filogênese; sociogênese, caracterizada pela história do meio em que o indivíduo está inserido e nas diferentes formas em que a cultura se organiza – de modo geral e sucinto, a origem social; por fim, a microgênese, que ocorre em cada fenômeno individual, sendo representada pela própria história do indivíduo. Assim, Vygotsky mostra que a linguagem é um intermediador entre o indivíduo e o mundo externo, e é esse contato com o próximo que favorece também o desenvolvimento mental.

Considerações finais

A partir das articulações feitas, foi possível perceber a importância da linguagem e do pensamento como meio facilitador nas questões de resoluções de problemas em geral do cotidiano. Diante de algumas perspectivas a respeito da linguagem e pensamento, salienta-se que para esse conceito não há uma real definição, por isso, nenhuma delas tem maior importância sobre as outras, porém todas estão como subsídios para novas teorias.

Referências

ADERSON, John R. **Psicologia cognitiva e suas aplicações experimentais**. Rio de Janeiro: LTC, 2000.

BRYM, Robert J. et al. **Sociologia: uma bússola para um novo mundo**. São Paulo: Cengage Learning, 2009.

CAMPOS, Flávio; MIRANDA; Renan G. **A escrita da história**. São Paulo: Escala Educacional: 2005.

DEESE, James. **Psicolinguística**. Tradução de Ruth Wallae de Garcia Paula. Petrópolis: Vozes, 1976.

GOMES, Jerusa V. Família e socialização. **Revista Psicologia**. São Paulo, v. 3, n1/2, p. 93, 1992.

GREENE, Judith. **Pensamento e linguagem**. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

HOCHENBURY, Don H; HOCHENBURY, Sandra E. **Descobrimo a psicologia**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2003.

LOPES, Joseane. Vygotsky: O teórico social de inteligência. **Nova Escola**, São Paulo, v. 11, n. 99, p. 33-38, dez. 1996..

OLIVEIRA, Rui de. **Neurolinguística e o aprendizado da linguagem**. Catanduva, SP: Ed Respel, 2000.

REGO, Tereza C. Vygotsky: **Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

RODRIGUES, Cassio; TOMITCH, Lêda M. B. **Linguagem e cérebro humano: contribuições multidisciplinares**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

SOARES, Magda. **Linguagem e escola: uma perspectiva social**. São Paulo: Ática, 2001.

VALLE, Luiza E. **Aprendizagem, linguagem e pensamento**. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2008.

Recebido em: 07/07/2011

Aprovado em: 16/08/2011

Para referenciar este texto:

NASCIMENTO, Thamires; Lyra, Maria Angela Villachan. Análise de perspectivas sobre pensamento e linguagem. **Lumen**, Recife, v.20, n.2, p. 59-65, jul./dez. 2011.